

INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEU PAPEL NA APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Elisa Gomes Magalhães, Andréia Cristiane Silva Wiezzel – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP.

1. INTRODUÇÃO

Considerando que a criança evolui de um estado a-social para um estado de ser social, percebe-se a influência do ambiente nesta transição. Podemos constatar que aos poucos o bebê vai reconhecendo o espaço ao seu redor e as pessoas pertencentes ao seu convívio. Além disso, o bebê é um ser desamparado e precisa dos cuidados de outras pessoas para garantir sua sobrevivência. É através do contato que os outros estabelecem com a criança que a mesma vai tornando-se parte do ambiente, e assim passa a desenvolver seus sentimentos e emoções sendo inclusive estimulada para tal. Ao perceber as mais diversas reações, a criança também vai aprendendo quem são as pessoas que estão por perto, reagindo de modo diferente com cada uma, estabelecendo trocas de sorrisos e sons cada vez que sua necessidade é satisfeita, sentindo-se segura com pessoas conhecidas e estranhando pessoas de pouca convivência. Pouco a pouco a criança vai vivenciando situações e percebendo que o meio não é composto apenas por pessoas, mas também por objetos físicos que aos poucos vão sendo reconhecidos através interação entre ambos. A realidade agora é composta pelo meio social e também pelo meio físico.

Nesse movimento de interação entre a criança e o objeto é que o conhecimento vai sendo adquirido pela mesma, além das regras da sociedade que aos poucos lhe é imposta. O próximo passo do processo de desenvolvimento da criança vai ocorrendo de forma gradual, no qual sua realidade é ampliada e há uma complexidade maior em suas relações, ou seja, é o período de inserção no ambiente escolar. As interações sociais promovem a aquisição de novos níveis de conhecimento, tanto dos padrões sociais até mesmo de conhecimentos gerais que são adquiridos pelas experiências conjuntas. É de grande importância a troca de pontos de vista entre as crianças

nesta fase, pois é assim que ela vai se constituindo como um ser ativo e social, e, portanto, aumentando seu potencial cognitivo.

Esse estudo busca uma maior compreensão da interferência da escola neste processo de construção do conhecimento, através dos seguintes questionamentos: a escola, pelas práticas educativas do professor, tem contribuído para que as crianças estejam, de fato, se apropriando de conhecimentos e conceitos socialmente construídos através do intermédio docente? Qual o sentido da interação social em salas de aula na pré-escola na promoção do desenvolvimento integral da criança?

Deste modo, volta-se, em especial, ao período pré-escolar, que engloba crianças de três a seis anos de idade. Dada a importância dessa fase na formação da mente infantil principalmente em relação ao desenvolvimento intelectual, afetivo e social que ocorre com maior flexibilidade e espontaneidade, graças à rede de relações interpessoais estabelecida entre os mais diversos personagens que compõe a escola e a peculiaridade da função exercida pelo professor, esse estudo percorre caminho do desenvolvimento infantil, numa análise da perspectiva histórico-cultural, procurando alcançar o objetivo almejado, que consiste em investigar o papel das interações sociais na aquisição de conhecimentos.

2. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar qual o papel das interações sociais, numa perspectiva histórico-cultural, na apropriação de conhecimentos por parte das crianças em idade pré-escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Pontuar como, quando e onde as interações sociais interferem na construção do conhecimento, destacando a função mediadora do professor neste processo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa faz-se necessária neste estudo por oferecer ao pesquisador um contato direto com a situação estudada. Trata-se também de uma descrição minuciosa das relações ocorridas no ambiente escolar, assim como compreender o processo e o contexto em que se envolve a problemática, sem desconsiderar o ponto de vista dos envolvidos. Visto que, o confronto provocado entre os dados obtidos, as análises e o conhecimento teórico resultam na construção da ciência, sendo esta “um fenômeno social por excelência” (Lüdke e André, 1986, p.2), optou-se pelo estudo de caso.

O estudo de caso procurará retratar um aspecto específico e particular, no ambiente natural, para melhor compreendê-lo. Neste trabalho o foco do estudo de caso é uma sala de aula de uma instituição de educação infantil, municipal, da cidade de Presidente Prudente-SP, sendo esta sala mista de pré-escola, nas quais os sujeitos serão os alunos e a professora.

No decorrer do ano serão realizadas observações semanais, estruturadas de forma a se obter dados que respondam aos objetivos específicos deste estudo, a saber, onde, como e quando as interações sociais interferem na construção do conhecimento, no contexto da educação infantil. Com base no material acumulado das observações e revisão bibliográfica pertinente, será elaborado um texto, com as reflexões possíveis a respeito do tema.

4. DISCUSSÃO TEÓRICA

4.1 DESENVOLVIMENTO INFANTIL E UMA BREVE LEITURA SÓCIO-INTERACIONISTA

A instituição escolar é o local onde a grande maioria das pessoas passa boa parte de suas vidas. É neste contexto que as crianças, cada vez mais precocemente, estão sendo inseridas. Desta forma, os professores precisam estar mais cientes das questões que permeiam o desenvolvimento infantil, em todos os seus aspectos, tornando-se necessário também dirigir sua ação pedagógica de maneira que possam contribuir significativamente nesse processo. Assim sendo,

[...] toda prática pedagógica se fundamenta em certa maneira de explicar a evolução dos conhecimentos, os papéis aos participantes do processo educacional, a forma de intercâmbio a ser mantida com a criança, os objetivos a serem atingidos através do ato educativo. (SEBER, 1995, p.21).

Quando se trata de desenvolvimento, torna-se indispensável ao professor, manter uma postura coerente diante das necessidades, um tanto diferenciadas de outras faixas etárias, das crianças em escolas de educação infantil. Não se pode negligenciar os cuidados e intervenções essenciais na estruturação do psiquismo infantil, principalmente quando nos referimos aos bebês.

Todo recém-nascido humano é imaturo e incompleto, sobretudo do ponto de vista motor, o que o torna extremamente dependente de outro ser humano. Seu acesso ao mundo e sua sobrevivência dependem da mediação de outros membros mais competentes da espécie. Por outro lado, nasce com uma organização comportamental e uma rica expressividade, que favorecem seu contato emocional e seu diálogo com outras pessoas humanas. Esses parceiros inserem o bebê em um mundo organizado conforme as representações e expectativas que têm sobre a criança, sobre seu desenvolvimento e sobre seu próprio papel em relação a ela, representações essas adquiridas em suas experiências de vida em um meio sócio-histórico específico. (ROSSETTI-FERREIRA, 2003, p.35).

Partindo do pressuposto histórico-cultural, acredita-se que a criança é um ser social, considerando sua atividade fundamental no processo de desenvolvimento, que possui tempo e espaço determinados. Desta forma, há a possibilidade de apropriação dos mais diversos conhecimentos, através de interações sociais, desde o momento em que ela nasce. Esta criança é sujeito atuante em seu meio, é participante no diálogo com a realidade. “Sendo assim,

menosprezar a capacidade de elaboração subjetiva de cada ser humano ou a responsabilidade da instituição de educação infantil frente à gama de conhecimentos que serão colocados à disposição das crianças significa, no mínimo, empobrecer o universo infantil".(MACHADO, 2001, P.26). No entanto, não é apenas a criança que se transforma pelas interações, mas o mesmo acontece com o conhecimento, visto que essas relações são estabelecidas nas instituições numa esfera composta de elementos afetivos, cognitivos, conceitos científicos e também cotidianos, tornando-se possível uma elaboração particular de cada sujeito.

A posição sócio-cultural professa a inter-relação entre aprendizagem e desenvolvimento, afirmando que apesar destes processos terem origens distintas não podem ser considerados de forma independente, um impulsiona o outro. Contudo, o que favorece a aquisição de conhecimentos é a mediação¹ ocasionada por parceiros com objetivos em comum, que se dispõe a trocar pontos de vista e realizar atividades cujo movimento empregado implica na reciprocidade de dar e receber. "É na interação social que a criança entrará em contato e se utilizará de *instrumentos mediadores*, desde a mais tenra idade". (idem, p.28, grifos do autor). E estes instrumentos, que podem ser desde o seio materno, até mesmo a fala, o desenho, o brincar, entre outros, constituem uma parcela essencial na internalização² dos conceitos sociais. Assim, vivenciando tais situações, o desenvolvimento se dá de tal forma que os processos internos aprimoram-se, tornando-se cada vez mais complexos. Desse modo, a criança tem a sua estrutura cognitiva paulatinamente construída, tanto pelos fatores externos (sociais e culturais) quanto pelos seus processos endógenos, formulados a partir da internalização das ações de idas e vindas, postuladas nas atividades práticas entre os sujeitos, ocasionando tais transformações.

Isso ocorre porque, segundo Vygotsky (1988) há dois níveis de formações complexas, cada qual com sua função. Podem ser chamados

¹ O conceito de mediação foi introduzido por Vygotsky e em linhas gerais significa um processo de intervenção de um elemento intermediário na relação, passando de relação direta para uma relação mediada.

² De acordo com Vygotsky, este conceito exprime "a reconstrução interna de uma operação externa". (1988, p. 63)

função psicológica inferior e função psicológica superior, sendo a segunda que diferencia o homem dos mamíferos.³

A função inferior é de caráter psicofisiológico, ou seja, são as sensações, os reflexos imediatos, emoções primitivas, memória direta. Já a função superior envolve atitudes mais complexas, é desenvolvida “[...] através de uma atividade do sujeito, atividade esta de apropriação e utilização de instrumento e signos em um contexto de interação, instrumentos e signos que, por sua vez, farão o papel de mediadores desta atividade, das interações”. (MACHADO, 2001, p.29). Fazem parte desta função a percepção categorial, a memória lógica e ativa, atenção focalizada, auto-regulação da conduta, pensamento abstrato e comportamento intencional, sendo a fala, cuja origem é sócio-cultural, atuante na formação de tais processos.

A mediação permeia os processos de constituição do psiquismo e é condição para que ocorra a aprendizagem, visto que o conhecimento se dá a partir de um “outro”, que é um intermediário nas interações. Podemos entender essa “outra pessoa” como alguém próximo à criança, um adulto, os pais, educadores informais, o professor ou até mesmo um colega mais experiente. Muitas vezes a experiência da criança pode ser mediada pelo hábito, valor ou pelas regras, sob o plano da cultura, no contexto físico e social já determinados.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O *caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa*. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1988, p.33. grifos nossos)

Cotidianamente, relações são estabelecidas nos ambientes aos quais estamos inseridos. Porém, o aprendizado ocorre com maior intencionalidade se “desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de

³ Exemplo adaptado por Machado, 2001, p.29.

operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros". (idem, 1988, p. 101).

Neste sentido, faz-se necessário ainda, compreender em que momento, local e de que forma acontecem as interações sociais educativas e como contribuem na aprendizagem e no desenvolvimento intelectual da criança.

4.2 A ESCOLA, O PROFESSOR E A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL: INTENCIONALIDADE NAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Art. 29 – A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996)

A Lei de Diretrizes e Bases garante o atendimento das necessidades infantis na instituição escolar, acreditando na possibilidade do desenvolvimento integral do infante neste ambiente, como continuação daquilo que a criança já vivenciou desde de seu nascimento. É preciso considerar que toda criança chega até a escola trazendo consigo uma bagagem social, progressivamente construída pela cultura e pela história de sua família e comunidade, assim, "... ela ingressa num *meio social* mais amplo [...] onde [...] terá que relacionar-se com seus semelhantes – as outras crianças da classe - e com eles dividir brinquedos e materiais, situação que será organizada e mediada pelo professor". (RIO DE JANEIRO, 1991, p. 78. grifos do autor).

A escola é considerada por Vygotsky "como um lugar carregado de significados, carregado de ideologia, história e cultura, onde não cabe pensar num ser abstrato, naturalizado".(VYGOTSKY apud MUNIZ, 1999, p.258). Cabe ressaltar, ainda, o sentido da palavra cultura sendo esta, "definida como um patrimônio de conhecimentos e de competências, instituições, valores e símbolos, construído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular".(FORQUIN apud MUNIZ, 1999, p. 259). Assim a criança é vista como um sujeito ativo em seu meio social e a escola será o local onde sua atividade se dará de forma sistematizada e mediada. "O que dá sentido e significado aos conteúdos trabalhados na escola, e mesmo ao próprio desenvolvimento da criança em todas suas potencialidades, é a cultura da qual

ela é parte". (MUNIZ, 1999, p.266). Desta maneira, o contexto escolar passa a ter significado para a mesma se seus interesses forem respeitados e suas capacidades desenvolvidas.

É através deste prisma que precisamos observar o papel do professor. É ele o representante da figura adulta dentro da sala de aula, sua prática precisa atender aos anseios deste pequeno sujeito em formação, sendo de grande importância, portanto, o seu papel no desenvolvimento infantil:

Na convivência diária, o adulto pode ser uma pessoa que transmite segurança para a criança. Alguém capaz de parar para ouvi-la, valorizar sua perguntas, sua produções, seu potencial. Alguém que seja sincero, autêntico e que respeite suas opiniões. Dessa forma, ele se torna um parceiro com o qual ela pode contar na busca do conhecimento de um mundo grande, novo e interessante. (SILVA E COSTA, 2003, p.46).

O meio social, cujas relações se materializam através da linguagem, é carregado de conceitos e signos, que precisam chegar até a criança de forma democrática e sistemática, ou seja, o adulto, no caso o professor, tem a responsabilidade social de aproximar o conhecimento socialmente construído ao conhecimento prévio das crianças por meio de interações sociais educativas. Assim versa o RCN (1998) sobre o papel do professor neste processo:

Propiciar situações de conversa, brincadeira ou de aprendizagens orientadas que garantem a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. (BRASIL, 1998, p. 31).

O professor em sua prática pedagógica, precisa promover as interações de maneira que possibilitem assim, um avanço progressivo na aprendizagem do aluno. Essas interações sociais de caráter educativo devem ter intencionalidade e finalidades objetivas. O professor precisa considerar, num plano teórico e prático, os níveis de desenvolvimento da criança. Segundo Vygotsky (1988) existem dois níveis a serem operados. Um é o nível *real*, ou seja, é aquilo que pertence ao sujeito, seus processos intrapessoais. Já o outro é o nível *potencial*, que vai sendo gradativamente construído a partir das

interações. A ponte que liga esses níveis é chamada Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Este limite é definido por aquilo que a criança pode fazer por si e onde o outro pode auxilia-la neste processo. Aqui o papel do companheiro mais experiente e principalmente do professor é fundamental.

Por fim, faz-se necessário dizer que a ZDP constitui um local privilegiado, na qual as interações sociais promovem a aprendizagem e isso não se faz apenas por modelos prontos. O professor deve preparar-se para atuar e mediar as interações e assumir tal tarefa como um compromisso com a educação. É isso que diferencia a instituição escolar de outras instituições como a família. “O ‘sucesso’ da interação é que vai medir a eficiência da instituição, visto ter sido criada com a finalidade de formalizar o processo educativo”. (MACHADO, 2001, p.39).

5. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este estudo não possui considerações finais a serem apresentadas, pois se encontra em fase inicial. Estamos desenvolvendo a revisão bibliográfica e levantamento de material teórico pertinentes a temática abordada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº9,374/96, 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.D.E.A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, M.L.A. Educação Infantil e Sóciointeracionismo. In: OLIVEIRA, Z.M. (Org). **Educação Infantil:** Muitos Olhares. São Paulo: Cortez, 2001, p.25-50.

MUNIZ, L. Naturalmente criança: A Educação Infantil de uma perspectiva Sociocultural. In: KRAMER, S. et al. **Infância e Educação Infantil.** Campinas: Papirus, 1999, p.243-268.

RIO DE JANEIRO (ESTADO). Ministério da Educação. Fundação de Assistência ao Estudante. **Professor da pré-escola.** Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1991, v.1.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Virar gente: reflexões sobre o desenvolvimento. In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. **Os fazeres na Educação Infantil.** 6^aed, São Paulo: Cortez, 2003, p.34-37.

SEBER, M. G. **Psicologia do Pré-escolar:** Uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995.

SILVA, A.H.A. COSTA, E.F. O adulto: um parceiro especial. In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. **Os fazeres na Educação Infantil.** 6^aed, São Paulo: Cortez, 2003, p.45-46.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.